

VOZES em defesa da fé

CADERNO

40

**O Santo
Sacrifício...
A Missa
Católica**

15886



EDITORA VOZES LTDA.

Missa "como de costume" no mundo inteiro

Era vários dias antes da Páscoa. Um repórter de jornal estava visitando, nos Estados Unidos, os pastores de várias Igrejas, colhendo notícias sobre o tipo de cerimônia religiosa que cada Pastor planejara para o Domingo de Páscoa na sua igreja.



Mas, quando ele se sentou no gabinete do padre católico, parou tomando notas. Em resposta à sua pergunta: "Que programa está o sr. planejando para a Páscoa?", o padre lhe disse: "O mesmo programa que Jesus Cristo nos deu há quase 2.000 anos — o Sacrifício da Missa. A mesma cerimônia religiosa a que o sr. pode assistir todas as manhãs na Igreja Católica no mundo inteiro. Ele tem prosseguido desde a Última Ceia".

"Por isto pode o sr. pôr no seu jornal: Na Igreja Católica haverá Missa como de costume".

"Mas — perguntou o repórter — como é que o Sr. mantém o seu povo vindo Domingo após Domingo, se o sr. não varia o programa?"

O Santo Sacrifício

"Eles não vêm apenas para me

escutar. Não sou um pregador eloquente, e o nosso côro não pode competir com os que eles podem ouvir pelo rádio", respondeu o padre. "Vêm para oferecerem sacrifício a Deus, para oferecerem comigo o sacrifício que Cristo mandou que oferecêssemos. Não posso variar esse programa.

"Mas isto evidentemente soa como novidade para o senhor. Por que não vem à Missa algumas vezes? Qualquer um é bem recebido".

"Obrigado, Padre", respondeu o repórter, "penso vir".

"Bem, — disse o padre, entregando ao repórter um folheto, — se vier, leia isto. Obterá mais da Missa se souber o que esperar dela".

E' este um bom conselho para qualquer acatólico que assiste à Missa pela primeira vez. Porquanto ele achará essa cerimônia religiosa diferente de qualquer coisa com que ele esteja familiarizado ou que já tenha observado.

O ser ela chamada "a Missa" será de pouco auxílio. Esta forma do vocábulo latino "missa" não é descritiva da cerimônia, que

sempre ficou sendo substancialmente a mesma. Os cristãos primitivos usavam outros nomes: a Fração do Pão, a Ceia do Senhor, a Eucaristia (ação de graças), ou simplesmente: o Sacrifício. O termo "Missa" foi usado desde o século quarto, e gradualmente suplantou esses outros nomes. Foi tirado das palavras com que o sacerdote despede o povo no encerramento da cerimônia: "Ite, missa est", querendo dizer: "Ide, é a despedida". E a cerimônia toda veio a ser chamada "Missa".

Que significa ela?

Quer assista à Missa numa catedral quer numa pequena igreja, quer a Missa seja oferecida num altar arranjado num aposento particular, quer no passadiço de um cruzador no mar, a média dos acatólicos acha a cerimônia desconcertante. A sua curiosidade é geralmente despertada. Por que razão usa o sacerdote as vestes que usa? Por que razão dá as costas para o povo durante tão grande parte da cerimônia? Que é que ele está dizendo? Para que velas? Que livro é aquele onde ele lê e que é levado de um lado para outro do altar várias vezes?

Estas e muitas outras perguntas embarçam o acatólico, e cada uma dessas perguntas tem uma resposta razoável — uma resposta simples. Porém a questão mais importante é: Para que aqui estão o sacerdote e o povo? — que é que estão fazendo? — por que o estão fazendo?

O acatólico achará a resposta na sua Escritura, pois nela pode ler o que Cristo fez na Última Ceia e o que nos mandou fazer (Mt 26, 26-28; Mc 14, 22-24; e Lc 22, 19-20).

Foi na Última Ceia que Cristo começou a Missa. Depois de comer com seus Apóstolos, tomou nas mãos o pão, benzeu-o e disse: "Isto é meu corpo". Depois tomou uma taça de vinho, benzeu-a e disse: "Isto é meu sangue do Nôvo Testamento que será derramado por amor de muitos, para a remissão dos pecados".

Para além do poder humano

Ora, quando Cristo disse essas coisas, quis dizer precisamente o que dizia. Tomou pão da mesa e disse: "Isto é meu corpo"; e, quando acabou de dizer estas palavras, aquilo que tinha sido pão já não era mais pão, e sim o seu corpo. Foi o seu poder divino que, enquanto ele dizia essas palavras, converteu o pão no seu corpo. E, quando ele tomou a taça de vinho e disse: "Isto é meu sangue", converteu o vinho no seu sangue.

Com as palavras: "Fazei isto em memória de mim", ele mandou que os Apóstolos fizessem e continuassem fazendo o que ele acabava de fazer. Para qualquer poder humano isso é impossível. Portanto, aparente é que, quando lhes deu esse claro mandamento, Cristo também lhes deu o poder de obedecerem a esse mandamento. Deu aos Apóstolos e aos seus sucessores esse misterioso poder de converterem pão e vinho no

seu corpo e no seu sangue. Assim, quando um sacerdote diz Missa, de acôrdo com o que Nosso Senhor mandou, êle simplesmente repete o que Nosso Senhor disse e fêz na Última Ceia. E, quando êle repete as palavras "Isto é meu corpo"... "Isto é meu sangue", o pão e o vinho são transformados, pelo poder divino de Cristo, no corpo e no sangue de Cristo. Quando essas palavras são ditas, já não há mais pão e vinho no altar, e sim sômente o corpo e o sangue de Cristo. Isto é feito não mediante o poder do sacerdote, porém mediante o poder de Deus.

O corpo de Cristo, ora tornado imortal, é um corpo vivo; por isto, deve ser no seu corpo vivo que o pão é transformado. E, onde está o seu corpo vivo, está também a sua alma humana e a Pessoa divina a que ela pertence. De fato, é Cristo todo e inteiro, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que está presente sob a aparência do pão. Não pode haver separação real do seu corpo imortal com o seu sangue. Êle derramou o seu sangue uma vez na cruz, mas isso nunca pode ser repetido. Portanto, Cristo todo e inteiro, corpo e sangue, alma e divindade, está presente também sob a aparência do vinho.

A Última Ceia

Quando as palavras de Cristo na Última Ceia são repetidas pelo sacerdote na Missa, o próprio Cristo está presente — oferece-se então a si mesmo como um sacrifício, com o mesmo oferecimento que êle fêz de si na cruz. Isto verdadeiramente está além do poder humano de compreensão, mas os fatos são simples. A Missa é o sacrifício do Calvário renovado por Cristo por mediação do ministério dos seus sacerdotes escolhidos, oferecido no nosso meio, e oferecido de tal modo que nós podemos tomar parte nêle e oferecê-lo a Deus como nosso próprio sacrifício.

E' isto o que os católicos, sacerdotes e povo, fazem na Missa. E é por isto que os católicos estão sempre "correndo para a igreja". Este é o programa de culto católico que nunca muda.

A pregação, que explica a verdade de Deus, é necessária. O canto de hinos e a música religiosa honram a Deus e inspiram o culto. Mas êstes são secundários no culto católico. Mesmo sem sermão ou sem cântico, os católicos oferecem a Deus o culto mais aceitável quando lhe oferecem, com Cristo, o Sacrifício da Missa.

Todo dia é Dia de Comemoração na Igreja Católica

Surpreendeu ao repórter o saber que havia Missa todos os dias na Igreja Católica... que ela é celebrada em cada igreja que tem pastor residente... que a Missa é oferecida cada minuto do dia e da noite no mundo inteiro.

Ele não podia compreender por que razão os católicos tomavam tão a sério este assunto da Última Ceia. Mas logo o descobriu.

No seu Novo Testamento, achou S. Paulo dizendo: "Pois eu mesmo recebi do Senhor (o que também vos transmiti) que o Senhor Jesus, na noite em que era traído, tomou o pão e, dando graças, partiu-o e disse: "Recebei e comei: isto é meu corpo que será entregue por amor de vós; fazei isto em memória de mim". Semelhantemente também o cálice depois de haver ceado, dizendo: "Este cálice é o novo testamento em meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porquanto, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que ele venha" (1 Cor 11, 23-26).

Como Cristo manda

Leu outra vez as palavras de Cristo na Última Ceia (Lc 22, 19): "Fazei isto em memória de

mim". Fazei isto como uma comemoração de mim — como uma comemoração da minha morte.

Os católicos fazem na Missa o que Cristo fez na última Ceia. Reproduzem, proclamam e representam a morte do Senhor, conforme ele mandou. Isto continuará para sempre "até que ele venha" a julgar o mundo — até o fim dos tempos.

De acordo com o dicionário, uma comemoração ou memorial é algo que serve para preservar a memória de uma pessoa ou de um acontecimento. Pode ser um monumento ou uma prática. Na Última Ceia, Cristo claramente instituiu uma prática que evocasse e preservasse a memória da sua morte em todos os tempos.

Tomando pão, disse: Isto é meu corpo *que será entregue (à morte) por amor de vós...* e, tomando o cálice de vinho: "Isto é meu sangue *que será derramado por amor de vós*". Na véspera da sua morte, ele estava representando o seu corpo e o seu sangue como já separados na morte, e as suas palavras efetuaram aquilo que tão claramente exprimiam. A Deus nada é impossível.

Quando ele falou, a tragédia da sua morte na cruz já começara. Lá fora, o traidor Judas estava

tramando a sua traição, e estava-se formando a companhia que em breve devia marchar para ir prendê-lo. Era um fato real que a sua paixão e morte estavam iminentes. E' impossível crer que êle tenha falado do pão como de uma figura do seu corpo. Não foi uma figura do seu corpo que foi oferecida na cruz pela Redenção do mundo, mas sim o seu corpo real. E êle declarou enfaticamente que aquilo que êle dava aos Apóstolos era o seu mesmo e idêntico corpo. O seu ato de sacrifício era efetuado por meio do seu corpo, e estava à mão a hora em que o seu corpo e o seu sangue seriam separados na cruz. Para capacitar a mente dos Apóstolos do grande valor que para êles tinham o seu corpo e o seu sangue, Jesus falou do sacrifício em que êsse corpo e êsse sangue teriam parte tão importante.

O Corpo e o Sangue

Convertendo separadamente o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue, êle vivamente representou a sua morte iminente.

Jesus morreu de perda de sangue e da exaustão que se lhe seguiu. Literalmente êle sangrou até à morte, na cruz. E, por ocasião da morte, seu sangue foi separado do seu corpo.

Quando estas palavras são repetidas na Missa, e o pão e o vinho são separadamente convertidos no corpo e no sangue do Senhor, nós também temos uma viva representação e comemoração da sua morte.

Temos também uma comemoração dos seus sofrimentos, que acompanharam a efusão do seu sangue. Os seus sofrimentos mentais êle os tornou conhecidos pelas palavras: "Minha alma está triste até à morte". Os seus sofrimentos físicos, provenientes da flagelação, dos espinhos enfiados na cabeça, dos cravos enterrados nas mãos e pés, da sua dolorosa posição na cruz — todos êles significavam tormento físico e dor intensa. Êsses sofrimentos também são rememorados quando "anunciamos a morte do Senhor, até que êle venha".

O amor de Cristo

Quando estamos presentes à Missa, e quando então a morte e os sofrimentos de Cristo são representados para nós, somos lembrados não só das circunstâncias exteriores da sua morte, como também do amor que a motivou e a explica. Recordamos o seu amor a seu Pai Celestial, amor que era a mola principal de toda a sua atividade, e especialmente da aceitação da sua morte: "Para que o mundo saiba que eu amo o Pai, e, assim como o Pai me mandou, assim eu faço". Semelhantemente, o seu amor à humanidade — aos homens pecadores. Disse êle: "Maior amor do que êste ninguém tem, do que dar a sua vida pelo seu amigo". Esse desconcertante amor a nós é que nós proclamamos quando a morte do Senhor é representada na Missa.

O católico, na Missa, remonta, em espírito, até ao Calvário, cuja

Todos nós precisamos de religião... e de um Sacrifício

Quando viu que os católicos se reúnem na Missa para um fim outro que o de escutar um sermão, cantar hinos e recitar orações juntos, o repórter deu-se conta de que a Missa não era meramente uma reunião de oração.

Ficou também sabendo que a Missa não era meramente uma cerimônia de Comunhão... que havia nela mais do que simplesmente receber a Sagrada Comunhão. Por isto decidiu examinar o que era que os católicos entendiam por "sacrifício". E de repente verificou que este implicava uma forte mudança na sua compreensão da religião.

A menção de "sacrifício" sempre lhe despertara na mente idéias de gente grosseira a oferecer aos seus deuses, com cerimonial misterioso, coisas tais como frutos,



animais, e até mesmo seres humanos. Tais cerimônias, ele o sabia, eram pagãs.

Mas não havia nada de mágico ou de grosseiro no caso dos católicos que ele via na igreja — e, no entanto, eles ali estavam para oferecer um sacrifício.

Razão para o Sacrifício

O repórter tinha razão: os católicos oferecem realmente um sacrifício como o mais alto tributo que possam prestar a Deus. E boa razão têm para assim fazerem: crêem em Deus — seu Criador.

Quando um escultor toma um bloco de mármore e o transforma numa bela estátua, produz algo de novo. Todavia ele não é um criador, porque o mármore que ele usou já estava em existência. Se ele fôsse capaz de produzir não só a forma da estátua, mas tam-

lembança a Missa preserva. Mas, assim como a Última Ceia foi mais do que um memorial, assim também a Missa não é apenas um memorial — é um sacrifício. Como memorial, ela preser-

va os fatos importantes que traz à mente. Como sacrifício, nós tomamos parte nêle, como o fizeram os Apóstolos na Última Ceia.

bém o próprio mármore, então a estátua seria verdadeiramente criação sua.

Nós somos as criaturas — a criação de Deus. Somos totalmente dependentes de Deus para tudo o que somos ou esperamos ser. Quase todos e cada um de nós temos visto os frágeis começos da vida humana numa criança recém-nascida. Introduzida na existência sem ter sido consultada sobre isso, ela começa a sua carreira num estado de completa destituição e dependência. Recebeu de outros a sua vida, e de outros deve depender para a continuação dela. E' tão dependente do amoroso cuidado de seus pais, ou de outros que fazem as vêzes dêstes, que, privada dêle, a sua tenra vida não tardaria a extinguir-se.

De maneira algo semelhante, nós, como criaturas, dependemos do nosso Criador. Mas a nossa dependência é muito mais absoluta e completa. E' uma dependência que se estende a tudo o que somos e temos e somos capazes de realizar. Somos devidores a Deus da nossa existência, do nosso corpo e da nossa mente, das oportunidades de revigorarmos um e de melhorarmos a outra, do fato de sermos sustentados em todos os momentos da nossa vida e em cada ação que praticamos. Somos totalmente dependentes do Deus que nos criou — somos propriedade sua.

Necessidade da religião

Por causa dessa completa e absoluta dependência é que a re-

ligião é para o homem matéria da mais estrita obrigação. Consiste ela no livre e prático reconhecimento, pelo homem, da sua dependência para com Deus. Este reconhecimento da própria dependência é característico de todo ato religioso. Quer adoremos a Deus, quer lhe agradeçamos os benefícios recebidos, quer imploremos o seu auxílio, quer peça-mos o seu perdão, com isso estamos sempre reconhecendo-nos sujeitos à sua autoridade e dependentes da sua bondade.

Um homem só é verdadeiramente religioso na medida em que livremente submete a sua mente e a sua vontade à suprema autoridade de Deus. Em consequência desta submissão, êle põe sua vida em acôrdo com o plano de Deus a seu respeito. E esta submissão a Deus, submissão que acha expressão prática na vida humana, é matéria da mais estrita obrigação. E' matéria de justiça, dando ao Criador aquilo que lhe é devido. Qualquer coisa menos seria desonesto, desleal e injusto. Porquanto, se Deus é o Criador do homem e nós dependemos dêle para tudo o que somos e temos, o senso comum exige que reconheçamos esta dependência e guiemos a nossa conduta de acôrdo com a vontade de Deus.

A dependência do homem para com Deus necessariamente dá origem a certos deveres que temos para com êle. Dependendo de Deus como do nosso soberano Senhor, do nosso benfeitor, da fonte da

nossa existência, devemos-lhe obediência, gratidão, amor e respeito. De nós é requerida uma certa presteza em cumprirmos essas obrigações — uma disposição de mente e de coração que nos prontifica a agir em acôrdo com as nossas várias relações com Deus.

Culto e Virtude

Assim a religião, retamente compreendida, não consiste meramente em sentir, como tantos falsamente o supõem, nem exclusivamente em conhecer e crer, mas envolve todos êsses elementos, e acha expressão própria numa vida humana caracterizada pelo culto de Deus e pela virtude.

Quando a verdadeira religião toma forma na vida humana, é determinada pelos deveres que temos para com Deus. Estes incluem a veneração de Deus como Ser Supremo, a oração nas suas várias formas, a fé, a esperança e o amor para com Deus, e especialmente a adoração e o sacrifício.

Ações tais podem ser os afetos não falados do coração e os pensamentos da mente. Ora, podem êles ser expressos externamente e traduzidos em várias ações religiosas. Este último ponto é importante, porque algumas pessoas pensam que Deus se satisfaz com o coração, e não necessita ou não faz caso da nossa manifestação externa de sentimento religioso.

A necessidade do culto de Deus não significa que Deus tire pro-

veito disso. Antes, o culto é necessário porque Deus é digno dêle e, daí, dever êle ser-lhe tributado pelas suas criaturas. "Sois digno, ó Senhor nosso Deus", escreveu S. João, "de receber glória e honra e poder: pois criastes tôdas as coisas, e para vós elas existem e foram criadas".

O culto é natural

E' impossível divorciar as práticas religiosas externas das internas. E' contrário à nossa natureza, na qual o corpo e o espírito estão misturados. Nós não podemos estar alegres ou tristes, amar ou odiar, sem darmos algum sinal externo daquilo que se está passando no santuário dos nossos corações. Um mero pensamento ou um simples desejo pode ser ocultado do ôlho humano, mas todo ato interno que excita o afeto humano recebe espontaneamente expressão externa. Os que dizem que se satisfazem com o culto do coração e do espírito não aparentam prestar lá muito culto. E menosprezam os atos externos de religião que o próprio Deus indicou.

Da mesma sorte, o homem vive com os seus semelhantes, e naturalmente adora a Deus com êles. Esta adoração pública exige, por sua própria natureza, certas cerimônias externas pelas quais todos podem agir juntos e assim prestar tributo ao seu Criador. A forma mais distintiva da adoração é o sacrifício. E o homem escolhido para agir em nome de todos no oferecimento do sa-

crifício é comumente chamado sacerdote.

Sacrifício é um ato pelo qual nós exprimimos a nossa suma adoração a Deus. E' um ato reservado só para Deus. Não é apenas uma oração interna do coração, é um ato pelo qual manifestamos públicamente a veneração de Deus que está no nosso coração. Uma oração pode ser completada na mente e no coração sem uma só palavra falada; mas um sacrifício, realizado por um ser composto de alma e corpo, deve ser expresso num ato externo. Assim, o ato do sacrifício, e aquilo que êle exprime, é um ato de religião.

Dai a Deus o que lhe é devido

O sacrifício é o ato mais importante da religião. Exprime a mais importante e mais fundamental de tôdas as verdades religiosas — o nosso reconhecimento do supremo domínio de Deus sobre nós. E' o ato de religião mais necessário porque, sem êle, somos injustos para com Deus e não lhe tributamos o culto exclusivo que lhe é devido.

Todo ato de sacrifício intenta exprimir as disposições de reverência, dependência e sujeição a Deus que nós reconhecemos e sentimos no nosso coração. Quando Deus deu a sua lei aos Israelitas, Moisés, o chefe e dirigente destes, ofereceu sacrifício em nome de todos. E o povo que nêle tomou parte clamou: "Tôdas as coisas que o Senhor falou nós

faremos, seremos obedientes" (Ex 24, 7). Estas palavras indicam as disposições de mente e de coração que o povo exprimiu em assistindo ao sacrifício imediatamente após lhes haver Deus dado a sua lei. O sacrifício dêles era a expressão da sua disposição de obedecer — era um sinal de obediência.

O Sacrifício perfeito

Em qualquer sacrifício, o elemento importante é a disposição interior de dependência para com Deus, que nós reconhecemos como ente supremo. Sem esta disposição interior a expressão externa seja qual fôr, é um gesto vazio e uma mentira.

A perfeita compreensão da natureza fundamental do sacrifício é o passo mais importante na compreensão do significado da Cruz, da Última Ceia e da Missa.

O oferecimento de si mesmo feito por Nosso Senhor até mesmo para suportar a morte no Calvário foi um sacrifício perfeito. Foi uma perfeita expressão do seu reconhecimento de que Deus é supremo; foi a expressão da sua voluntária e amante sujeição, como homem, à infinita supremacia de Deus; foi a expressão de dependência indicada pelo próprio Deus. Êle se fez obediente por nós "até à morte". Com semelhantes disposições também nós devemos oferecer-nos a nós mesmos a Deus. E precisamente aí está o sacrifício.

A Cruz, a Última Ceia e a Missa - tudo uma coisa só

O repórter sabia que o povo católico chamava ao seu pastor "sacerdote" ... tinha ouvido falar do "altar" na Igreja Católica... mas não sabia por que e o que era tudo isso.

Isso começou a ter mais sentido quando ele leu o Novo Testamento, especialmente os Evangelhos e a Epístola de S. Paulo aos Hebreus.

Pôde então ver que "sacrifício" e "sacerdote" estavam necessariamente ligados. Um sacrifício só é oferecido por um sacerdote, e um sacerdote é alguém que é chamado por Deus para oferecer sacrifícios em nome do povo. Assim fazendo, ele é um mediador — um "entre dois" — dirigindo-se a Deus em nome de homens e mulheres, e dirigindo-se a homens e mulheres em nome de Deus.

O repórter viu que Jesus, na sua morte na cruz, oferecera um sacrifício por todos os homens. Cristo dissera que "tinha vindo ao mundo para dar a sua vida em redenção por muitos" (Mt 20, 28). "Entregou-se por nós", escreveu S. Paulo, "em oblação e em sacrifício a Deus" (Ef 5, 2). "... no qual temos a redenção



pelo seu sangue, a remissão dos pecados" (Col 1, 14). "... deu-se em redenção por todos" (1 Tim 2, 6).

O Espírito Santo

Na Epístola aos Hebreus, Paulo formulou a verdade fundamental e insistentemente repetida de

que os múltiplos sacrifícios do Antigo Testamento eram meras preparações para o sacrifício da cruz: "Se o sangue dos cabritos e dos bois... santifica os que estão manchados... quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito Santo se ofereceu imaculado a Deus, purificará a nossa consciência" (Heb 9, 13-14).

Examinando os fatos envolvidos na morte de Cristo, todos os elementos de um verdadeiro e perfeito sacrifício podem ser achados. Morrendo na cruz, Cristo foi ao mesmo tempo sacerdote e vítima, divinamente enviado ao mundo e designado para ser o único ofertante e o único oferecido. Ofereceu e entregou a sua vida a Deus para mostrar que Deus tinha domínio supremo sobre a sua vida perfeitíssima e sobre a vida de todas as cria-

turas... para satisfazer as exigências da justiça de Deus ofendida pelo pecado... para restaurar a graça de Deus perdida... para louvar, agradecer e glorificar a Deus.

Como vítima, *êle deu* a sua vida a Deus, e deu-a livremente. "... Eu deponho a minha vida... ninguém ma tira, mas eu mesmo é que a deponho..." (Jo 10, 17-18).

E, como sacerdote, *ofereceu* essa vida. Foi perfeito e único sacerdote, sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Participou das coisas de Deus e das coisas dos homens, e foi perfeitamente adequado para ser o mediador entre Deus e os homens. A dignidade que Jesus conferiu às suas ações como homem podia satisfazer as exigências da justiça infinita, e mover a infinita misericórdia de Deus de modo que os homens, que *êle* representava, mais uma vez pudessem tornar-se filhos adotivos de Deus.

Cristo o Sacerdote

Quando instituiu o memorial da sua morte na Última Ceia, Cristo também agiu como sacerdote e ofereceu sacrifício.

Cumpriu a promessa que tinha feito quando dissera: "O pão que eu vos darei é a minha carne para a vida do mundo" (Jo 6, 52). Sob a aparência de pão, o seu corpo seria oferecido em sacrifício para salvar o mundo. Na Última Ceia, a vítima estava presente — o próprio Cristo sob a aparência de pão e de vinho. Convertendo separadamente

o pão e o vinho no seu corpo e no seu sangue, *êle* significou o modo como naquele momento fazia a entrega da sua vida que em breve ia fazer na cruz. O oferecimento era feito de modo público por *aquêle* a quem S. Paulo chama o nosso grande Sumo Pontífice, o Mediador entre Deus e o homem. Oferecendo-se a Deus, Jesus exprimiu o seu reconhecimento do domínio de Deus sobre nós, como era feito "para a vida do mundo" e "para a remissão dos pecados" (Mt 6, 28). Como só Deus pode dar a vida ao mundo e só Deus pode perdoar o pecado, o oferecimento era feito Deus como o Dador da vida, oferecido pelo pecado.

A Última Ceia continuada

E, quando hoje há uma Missa na Igreja Católica, o mesmo sacrifício é continuado.

Quando as mesmas palavras usadas na Última Ceia são repetidas, sabemos que Cristo está sobre o altar — a vítima está presente. A conversão separada do pão e do vinho no seu corpo e no seu sangue representa a entrega da sua vida. A vítima é oferecida de modo externo por um sacerdote. Na Última Ceia, era Cristo quem se oferecia a si mesmo, e, na Missa, é Cristo quem se oferece através do ministério de um homem escolhido e designado para *êsse* fim.

Cristo presente no altar ofereceu-se, na Missa, como se ofereceu na Última Ceia e na cruz — a vítima é oferecida a Deus. *Êle* é oferecido para o mesmo fim.

que tinha em mente na Última Ceia e na cruz: "para a vida do mundo" e "para a remissão dos pecados".

Assim, a Cruz, a Última Ceia e a Missa são um só e o mesmo sacrifício.

Cristo ofereceu sacrifício na Última Ceia quando representou a sua morte iminente. Assim também, através do ministério dos seus sacerdotes, êle oferece um verdadeiro sacrifício comemorativo, representando a sua morte, que agora já passou.

A Última Ceia foi um sacrifício visando à sua morte futura, enquanto que a Missa é um sacrifício olhando à sua morte passada — é o memorial dela.

O único Sacrifício

Esses três sacrifícios são um só e o mesmo sacrifício. Têm a mesma vítima, o mesmo sacerdote e a mesma oblação. A sua diferença está somente em que o sangue de Cristo foi realmente derramado na cruz, ao passo que na Missa Cristo é oferecido de maneira incruenta, agora que êle já não pode morrer. Na Última Ceia e no Calvário êle estava presente para todos verem. Na Missa, êle não está visivelmente presente, mas oferece-se pela mediação do sacerdote, a

quem delegou e deu poderes para assim fazer.

Cristo ofereceu-se uma vez só. Na Missa, êle não se oferece com oblação nova e diferente; antes, a mesma oblação que êle fez na Última Ceia e na Cruz é que continua na Missa. Ao seu sacrifício não são aditados muitos outros sacrifícios pelas muitas Missas que são ditas no mundo inteiro. E' sempre o mesmo sacrifício e oblação que êle fez na cruz.

Quando uma orquestra faz a gravação de uma famosa sinfonia, os discos são espalhados através do país e tocados repetidas vezes. Mas, sejam quantos forem os discos que tenham sido feitos, ou sejam quantas forem as vezes que êles sejam tocados, é sempre a mesma orquestra, a mesma sinfonia, a mesma reprodução da música, que é ouvida. De maneira um tanto semelhante, o sacrifício que Cristo ofereceu na cruz foi representado no sacrifício da Última Ceia, e êle ordenou que o sacrifício da Última Ceia fôsse reproduzido até o fim dos tempos. Onde quer que a Última Ceia é reproduzida por aqueles que êle designou para o fazerem, é sempre o mesmo sacrifício, a mesma oblação feita por Cristo, o nosso Sumo-Sacerdote.

O Único Sacrifício completo

Mesmo depois de haverem lido e estudado o Novo Testamento, especialmente a Epístola aos Hebreus, algumas pessoas têm as suas dúvidas sobre a Missa. Ainda insistem em que o único e completo sacrifício de Cristo na cruz torna desnecessária a Missa.



“Antes de Cristo”, dizem elas, “havia muitos sacrifícios oferecidos por uma sucessão de sumos sacerdotes judeus, mas agora, que Cristo veio, há um só sacrifício, um só Sumo Sacerdote, não tendo este sucessores. Por que então haveriam os sacerdotes católicos de oferecer muitos sacrifícios da Missa?”

E' verdade que nós só temos um único Sumo Sacerdote, Cristo, e que ele não tem sucessor. Mas tem ministros e representantes que agem por delegação do seu poder e autoridade. Como nosso “Sumo Sacerdote que passou aos céus”, ele não é visto, mas ainda está conosco, porque tem “compaixão das nossas enfermidades” (Heb 4, 14); ainda age como nosso Sumo Sacerdote. Os seus dispensadores terrenos dos mistérios de Deus são apenas seus ministros — seus agen-

tes visíveis. Não são seus sucessores, e são sacerdotes somente como seus representantes.

Não «muitos» sacrifícios

Eles não oferecem “muitos” sacrifícios, mas sim um só e o mesmo sacrifício que Cristo ofereceu na Última Ceia e na cruz.

No Antigo Testamento, sumo sacerdote sucedia a sumo sacerdote, e a cada sacrifício uma nova vítima era oferecida. Mas, no Novo Testamento, no sacrifício da Missa, o próprio Cristo, o mesmo para sempre, exercita o ofício de sumo sacerdote e oferece o mesmo sacrifício.

“Mas”, dirá alguém, “na Epístola aos Hebreus lemos que Cristo, pelo seu único sacrifício, expiou todos os pecados dos homens. Isto não parece deixar lugar para o Sacrifício da Missa”.

E' verdade que Cristo expiou todos os pecados dos homens mediante o seu único sacrifício; porém cada indivíduo hoje não recebeu, por isso, uma remissão do pecado. Pela sua morte na cruz, Cristo, por assim dizer, estabeleceu um tesouro de mérito. Nós temos acesso a esse tesouro de

mérito por meio da Missa e dos Sacramentos de Cristo. Os cristãos obtêm o perdão do pecado indo a êsse tesouro mediante o uso da Missa e dos Sacramentos, especialmente do Sacramento da Penitência.

A Graça de Deus

Através da Missa é que nós nos beneficiamos da intercessão de Cristo por nós. E através do Sacramento da Penitência beneficiamo-nos da expiação que êle fez pelos nossos pecados. Deus é movido a conceder-nos a graça da contrição mediante o Sacrifício da Missa, mas é através do Sacramento da Penitência que êle nos aplica a expiação e a remissão da culpa possibilitadas por Cristo.

"Mas", dirão os não-católicos, "você católicos crêem que nós somos obrigados a oferecer frequente sacrifício a Deus, a adorar e louvar e agradecer a Deus e a lhe pedir as suas bênçãos. E dizem que a Missa é o sacrifício pelo qual isso é feito. Mas a morte de Cristo na cruz fez tudo isso para nós. Por que então se requer a Missa?"

Também é verdade que Cristo orou por nós. Quer isto, porém, dizer que nós nunca precisamos dizer uma oração? A disposição de Cristo na cruz que o moveu a adorar a Deus não nos isentou da obrigação de adorarmos a Deus nos nossos próprios corações. Nem o ato externo de adoração de Cristo — o seu sacrifício — nos livrou do dever de oferecermos sacrifícios a Deus. Devemos imitar Cristo na medida em que a

sua disposição interior e os seus atos exteriores estão em jôgo. E imitamo-lo com respeito a ambas essas coisas por meio do Sacrifício da Missa.

A Missa de modo algum deprecia o sacrifício da Cruz. A Missa e o sacrifício da Cruz são a mesma coisa. A Última Ceia não é rival do Calvário, e a Missa é o meio dado a nós por Cristo para estarmos presentes no Calvário e nos juntarmos a êle no seu oferecimento do sacrifício mais aceitável a Deus.

O Dom Perfeito

Os católicos crêem que Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, ofereceu-se na Cruz pela humanidade como o Dom perfeito, o Dom aceitável a Deus. Nada mais precisava ser feito. Nada poderia suprir o sacrifício do Calvário. Cristo verdadeiramente morreu *por nós*. Mas não há nada automático na nossa salvação. Cada um de nós, agora vivo, deve tomar o sacrifício de Cristo para si e fazê-lo seu.

Nós pessoalmente devemos tomar êsse sacrifício e apresentá-lo — reapresentá-lo — a Deus. E' como se Cristo dissesse: "Eu fiz tudo o que é necessário. O Dom foi levado à sua perfeição; meu Pai vê nêlo o que é suficiente para redimir tôda a humanidade. Que ides *vós* fazer com êle? Ele é vosso por apropriação".

Assim nós, na nossa geração, já perto de 2.000 anos depois do Calvário, devemos dizer: "Senhor, graças vos damos pelo vosso Precioso Dom. Tomamo-lo e, como

milhões sôbre milhões de cristãos durante os séculos passados, fazemo-lo nosso e reapresentamo-lo a vós. Apresentamo-lo mais uma vez e apresentamo-lo por nós mesmos”.

Aceitável a Deus

Os católicos crêem que possuem na Sagrada Eucaristia a presença real de Cristo Senhor Nosso, e que durante a Missa O oferecem ao seu eterno Pai como o Dom perfeito, certos de ser êle aceito.

Êsse ato, portanto, não pode ser senão um sacrifício, e exatamente o mesmo sacrifício que foi oferecido no Calvário. O Único oferecido — Jesus Cristo — é o mesmo. O Único que faz a oblação — Jesus Cristo — é o mesmo, porém usando o sacerdote humano como seu instrumento. O sacerdote e todo o povo presente à Missa unem-se a Cristo

no oferecimento que é feito; mas, aí como em todos os Sacramentos, Cristo é o agente principal. E Deus, que recebe o Dom, é o mesmo Deus que o recebeu de Cristo na Cruz e de Cristo na Última Ceia. Os fins para os quais o sacrifício é oferecido são os mesmos: adoração, ação de graças, satisfação pelo pecado e petição.

A única diferença entre o sacrifício da Missa e o sacrifício do Calvário é que na cruz o Sangue de Cristo foi realmente derramado; ao passo que na Missa temos um sacrifício comemorativo no qual a efusão do seu sangue é representada. No Calvário, Cristo fez a sua parte uma vez por tôdas e completamente. Na Missa, nós fazemos a nossa parte. Tomamos para nós a Morte Redentora e oferecemo-la a Deus; e a cada um de nós são aplicados os benefícios dessa Morte.

A Missa pertence à Igreja Católica

Foi durante a última guerra. O oficial comandante de um grande acampamento do Exército Americano estava examinando os relatórios dos seus capelães. Notou que os relatórios dos capelães não-católicos indicavam, mesmo coletivamente, muito menos homens presentes aos seus serviços religiosos do que ao serviço católico.

Mandou chamar o Capelão não-católico mais velho, e pediu-lhe explicação.

"Bem, o Sr. vê", explicou, "o Capelão católico tem a Missa, e isso drena os homens para o seu serviço".

"E por que não faz alguma coisa sobre isso?", inquiriu o oficial-comandante. "Não pode também promover a Missa para os seus homens? Temos que obter melhor frequência ao serviço religioso".

Por certo, o oficial-comandante estava pedindo o impossível. Nenhum Capelão não-católico poderia "promover a Missa para os seus homens".

A Missa pertence à Igreja Católica — aos sacerdotes e ao povo católicos. É uma coisa exclusivamente deles.

Alguns homens tomam a Bíblia, constroem sobre ela uma religião e formam com ela uma nova Igreja. Mas nenhum poderia jamais tomar da Igreja Católica a Missa, porque só na Igreja Católica será achado o sacerdócio que torna possível a Missa.

Designado por Cristo

Quando Nosso Senhor disse aos Apóstolos: "Fazei isto em memória de mim", por isso mesmo os constituiu sacerdotes. E, como a morte do Senhor devia ser assim anunciada até que ele venha, os Apóstolos e os seus sucessores legítimos foram incumbidos de oferecerem o corpo e o sangue de Cristo até o fim dos tempos.

Mas, na Missa, o próprio Cristo é sempre o principal ofertante. Ele é sacerdote eterno, e o sacerdote humano só age em nome d'ele. Ele deu ordem e poderes aos seus Apóstolos e aos sucessores destes para fazerem o que ele havia feito na Última Ceia. Quando os seus sacerdotes fazem isso, mediante a conversão separada do pão no seu corpo e do vinho no seu sangue, ele é apresentado perante seu Pai ce-

leste na aparência da morte que exprime a sua voluntária e semipiterna entrega de si à morte. E ele usa este escolhido sinal de sua morte para exprimir a sua imutável disposição de morrer — de oferecer o sacrifício supremo.

Neste ato, como mediador entre Deus e o homem, como sacerdote de toda a humanidade, Cristo oferece perfeita adoração a seu Pai celeste, a verdadeira adoração em espírito e em verdade. Neste ato há a única adoração aceitável ao Pai, a única adoração por ele aceita. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14, 6).

O Dom duradouro

O sacrifício que Cristo ofereceu na cruz é a única adoração de Deus que tem valor aos olhos de Deus. A não ser que a nossa adoração de Deus esteja associada ao sacrifício de seu Filho, essa nossa adoração é vã. E’ por isto que todos devemos participar deste sacrifício.

Para que cada geração sucessiva de cristãos pudesse, por sua vez, participar realmente desse sacrifício único, ele tornou esse sacrifício presente a todos os homens em todas as épocas e em todos os lugares. A Missa é o próprio sacrifício da Redenção, introduzido no nosso meio e tornado presente entre nós para que todas as gerações de cristãos fôsem capazes de associar-se a Cristo em oferecê-lo a Deus e dar assim a Deus a honra mais alta.

O real oferecimento de si mesmo feito por Cristo foi um ato eminentemente santo, e pleno de toda a religião, de toda a adoração, de todo o amor de seu Pai celeste de que o coração de Cristo era capaz. Juntamente com aquele corpo que estava cravado na cruz e com o sangue que era derramado no Calvário, esse ato sacerdotal é tornado presente na Missa com toda a energia religiosa e santificante que a religião do Sumo Sacerdote no Calvário nêle pôs uma vez por todas.

E’ na Missa que esse ato de oferecimento é pôsto à nossa disposição, de modo que, através da nossa vida, por nossa vez nós possamos fazê-lo nosso, possamos unir-nos com ele, e possamos participar dêle de maneira ativa e com toda a fé, toda a reverência, todo o amor e religião de que somos capazes.

Um só com Jesus

Assim, a Missa é oferecida não só pelo sacerdote designado por Cristo, no altar, mas também por toda a Igreja de Cristo, e especialmente pelos que estão presentes ou que de qualquer modo cooperaram com o real oferecimento da Missa.

“Mas como podemos tomar parte nêle?”, perguntarão alguns. E’ realmente muito simples. Suponhamos que tivésseis estado presente no Calvário quando Cristo morreu na cruz, e que tivésseis sabido quem Ele era e compreendido que Ele se estava oferecendo em sacrifício ao Pai por vós e pelo mundo todo. Facilmente teria

sido então para vós o juntar-vos ao oferecimento daquele sacrifício. Tudo o que teríeis tido de fazer teria sido elevardes o vosso coração e a vossa mente ao Pai Eterno e dizer-lhe: "O' meu Deus, quero oferecer-vos alguma coisa, e não tenho nada para vos oferecer. Mas aqui está vosso Filho oferecendo-se a si mesmo por mim e pelo mundo todo. Quero juntar-me ao seu sacrifício, e rogo-vos aceitardes o seu sacrifício como sendo meu, e ofereço-me com Ele".

Naquela ocasião poderíeis ter feito isso. Pois podeis fazer a mesma coisa agora, cada vez que estais presente à Missa. Podem-no, pelo menos, tôdas as pessoas verdadeiramente batizadas. Tudo o que tendes a fazer é vos lembrardes (e a Missa, como memorial, vo-lo lembra) de que estais virtualmente presente no Calvário. Cristo ali está, sob a aparên-

cia de pão e de vinho, e oferece o mesmo sacrifício que ofereceu no Calvário, oferecendo-se a si mesmo como o fêz então.

Lembrando-vos disto, podeis juntar-vos ao seu oferecimento agora, tal como poderíeis tê-lo feito no Calvário. Podeis volver vossos pensamentos para Deus e dizer, no vosso coração, que vos estais unindo a Nosso Senhor e rogando ao Pai aceitar como vosso o sacrifício de Cristo. Podeis oferecê-lo como um ato de adoração, em ação de graças pela sua bondade para convosco, em satisfação pelos vossos pecados e pelos pecados de todos os homens. Podeis oferecê-lo pelas vossas necessidades e pelas necessidades de todos os homens, rogando a Deus conceder-vos todos aquêles dons que Cristo mereceu para nós na cruz, e pelos quais está agora intercedendo na Missa.

VAMOS À MISSA!

Sim, supõe-se que, num domingo pela manhã, decidis ir a uma função religiosa da Igreja Católica. Muitos não-católicos o fazem. Alguns vão em companhia de seus amigos ou parentes, enquanto que outros vão por si mesmos. Num ou noutro caso, um não-católico sentir-se-á menos estranho, e será capaz de observar o serviço mais inteligentemente, se previamente se houver relacionado com o significado da Missa, lendo e aprendendo, de modo geral, o que é de esperar.

Ao entrar à porta da igreja, notará que o povo católico que com ele entra pára brevemente junto a uma bacia de água, usualmente feita de metal ou de pedra. As pessoas mergulham os dedos na água e fazem um Sinal da Cruz tocando com eles a fronte, o peito e os ombros esquerdo e direito.

Esses receptáculos em forma de bacia, cheios de água, são chamados pias de água benta. A água que eles contêm foi ben-zida especialmente pelo sacerdote, usando ele as orações oficiais da Igreja. De modo que, quando o povo pode usar a



água piedosamente, também se beneficia das orações oficiais da Igreja pedindo a Deus abençoá-lo em nome da SS. Trindade, purificar-lhe a mente e o coração de modo que ele possa ser digno de juntar-se ao oferecimento da Missa e às orações que tenciona dirigir a Deus.

Entrando na igreja

Se o visitante parar um momento, observará que o povo vai direto a um dos assentos ou bancos, e dobra um dos joelhos ao chão por um instante antes de tomar o seu lugar para a Missa. Esse dobrar do joelho é chamado genuflexão, e é um ato de adoração dirigido a Cristo, que acreditamos presente no altar. No caso de não estar o Sacramento da Eucaristia guardado na igreja, a genuflexão é uma reverência a Cristo, representada pelo crucifixo que encima o altar de frente para a nave. A ação de dobrar o joelho é uma expressão exterior de reverência a Deus e ajuda a pessoa a compenetrar de onde está e que vai fazer na igreja.

O não-católico pode então entrar por algum daqueles bancos e tomar assento. Se fôr esclarecido, irá o mais para a frente da nave, de onde mais facilmente poderá observar o que se passa no altar. Se o desejar, pode também dobrar o joelho antes de entrar para o banco, mas isto não é necessário. Normalmente, êle é livre de seguir as ações dos católicos presentes, ou simplesmente de ficar sentado durante toda a função. Haverá ocasiões em que o povo fica de pé ou se ajoelha ou fica sentado. Pode êle seguir os seus próprios desejos nessa matéria.

Centro do culto

Tomando uma visão geral da igreja, primeiramente notará êle que a parte mais proeminente e central dela é o altar. Bem na frente da nave, onde todos os olhos podem ser focalizados, o altar é uma mesa junto à qual o sacerdote fica durante a Missa.

Toda igreja católica é primeiramente e antes de tudo um edifício votado ao oferecimento da Missa. Poderia ser chamada uma Casa de Missa. O altar domina o interior da igreja, tal como o Sacrifício da Missa domina todo o nosso culto de Deus. O altar não é um ornato na igreja. Antes, a igreja é que é um ornato e uma moldura para o altar. Nós podemos erigir um altar e ter a Missa sem igreja, mas não pode haver coisa tal como igreja católica sem altar.

Verdade é que outros Sacramentos são administrados na igre-

ja, tais como o Batismo, que pode ter lugar na pia batismal, usualmente à entrada da igreja. O Sacramento da Penitência é administrado nos confessionários, que são biombos de madeira também no fundo ou dos lados da igreja. Mas êstes Sacramentos e outros podem ser administrados em qualquer outro lugar. A igreja católica é construída primariamente para abrigar o altar destinado à Missa.

Para que velas?

Um não-católico pode primeiramente notar as velas acesas no altar, e um grande livro numa estante ao lado direito da mesa do altar, junto à qual o sacerdote ficará durante a Missa. Esse livro contém as orações da Missa a serem lidas pelo sacerdote. E' chamado o Missal, e muitos dos católicos que assistem à Missa serão vistos preparando-se para ela pelo uso de uma pequena edição dêsse Missal, com a qual podem seguir as orações que o sacerdote e o povo recitam durante a Missa.

As velas estão acesas não para fins de iluminação, mas, antes, como um elo com o passado, como o são tantas outras cerimônias, práticas e coisas a serem observadas na Missa. Nos tempos primitivos, os cristãos tinham de celebrar o culto debaixo do solo, onde a única iluminação era luz de vela. Quando foram livres de erigir altares e de construir igrejas acima do solo, conservaram as velas não só para iluminação, como também por

afeição ao velho costume que os ligava aos seus antepassados na Fé.

Tomando uma vista mais próxima do altar, será achado um crucifixo encimando êste. Ele ali está em tôda igreja católica. E' uma imagem de Cristo pendente da cruz conservada em lugar conspícuo onde possa ser visto pelo padre e pelo povo durante o memorial da morte de Cristo que é a Missa.

A hóstia

No centro do altar e no fundo da mesa dêste está uma espécie de gabinete chamado o tabernáculo. Pode ser quadrado ou redondo, ou ser simplesmente uma porta construída dentro da parede contra a qual o altar está colocado. Usualmente está coberto com um véu que pode combinar com a côr dos paramentos do sacerdote. E' chamado "tabernáculo". Nesse tabernáculo são guardadas as espécies consagradas do pão que foi convertido no corpo de Cristo em Missa anterior, e que agora são chamadas o Santíssimo Sacramento ou a Hóstia. O SS. Sacramento é reservado no tabernáculo para poder ser levado aos doentes e aos moribundos. Cristo, presente no SS. Sacramento sob a aparência de pão, não é conservado no tabernáculo apenas para que possamos adorá-lo. Ali é conservado também para benefício dos que necessitem receber a Comunhão fora da Missa, e podemos adorá-lo a qualquer tempo como presente no altar. O SS.

Sacramento é reservado num recipiente dourado, em forma de cálice, o qual o sacerdote usará quando distribuir a Comunhão ao povo na Missa.

Uma luz vermelha, usualmente uma lamparina em vidro vermelho, é sempre mantida ardendo perto do altar, dia e noite, quando o SS. Sacramento está presente no tabernáculo. Essa luz diz ao povo que Cristo no SS. Sacramento está presente na igreja, e é um constante lembrete para que o povo ali O adore.

O ato de sacrifício

O comum dos não-católicos podem perguntar-se qual é a parte mais importante da igreja. Como já foi mencionado, desde que a igreja é um lugar para sacrifício, o altar é a parte mais importante; o púlpito, que usualmente fica ao lado esquerdo do altar visto do corpo da igreja, e o côro são secundários. A importância das coisas na Igreja Católica é determinada pela sua importância no ato de sacrifício, que é a Missa. De modo que, seguinte, em importância, ao altar é aquilo que parece ser um balaústre — uma estrutura que separa o altar do corpo da igreja. Realmente não é um balaústre. Pretende ser uma mesa, uma extensão do altar, e muitas vezes está coberta com uma toalha branca. E' a essa mesa que o povo se ajoelha para receber a Sagrada Comunhão. O espaço entre ela e o altar é chamado o "san-tuário", por ser a parte mais santa da igreja, onde tem lugar a

ação da Missa e é reservado o SS. Sacramento.

De cada lado do altar, na igreja, pode haver altares menores sobre os quais há estátuas de Cristo ou de Maria sua Mãe, ou dos santos aos quais o povo tem devoção especial. Esses altares mais pequenos podem, às vezes, ser usados para Missa, porém o grande altar na frente e no centro da Igreja, ou seja, o altar-mor, é sempre o foco de atenção, e tudo na Igreja intenta focalizar a atenção sobre esse altar no qual a Missa é dita para o povo.

Como rezam os católicos

Um não-católico ficará impressionado com o fato de, quando os católicos entram na igreja para a Missa, ajoelharem-se por um momento em frente do altar e começarem a orar a Deus por suas próprias palavras ou com as palavras de um livro de orações, rogando-lhe ajudá-los, especialmente durante a Missa, de modo que eles possam adorá-lo dignamente.

Notará, igualmente, que a igreja é muito quieta. O povo católico frequenta a igreja para um

fim único. Depois de entrarem para os seus assentos, não falam uns aos outros, e, se alguma coisa deve ser dita, é dita bem baixinho. Eles têm respeito pela presença de Deus ali. Reconhecem a necessidade de manterem seus pensamentos sobre as suas orações, e guardam silêncio reverente.

A pintura ou quadros nas paredes, imagens de vários episódios dos sofrimentos e morte de Cristo na cruz, colocadas a intervalos em volta dos lados da igreja, ali estão para ajudarem o povo a rezar. Há outras cerimônias promovidas de tempo em tempo nas igrejas católicas, tais como a celebração do caminho da Cruz, ou Via-Sacra, na qual o sacerdote e o povo recordam os catorze principais acontecimentos da paixão e morte de Cristo, refletem nêles e recitam orações apropriadas. Pode haver também cerimônias em honra de Maria ou de outros santos. Pode haver sermões especiais acompanhados de várias orações. Mas o não-católico precisa saber que a igreja e tudo nela ali está principalmente para a Missa.

Breve Histórico da Missa

Quando o padre entra na igreja por uma porta perto do altar para começar a Missa, o povo fica de pé. Faz isto em sinal de respeito não só à função do padre, mas também à cerimônia sagrada que vai começar.

Um não-católico ficará impressionado com as estranhas vestes com que o padre se apresenta vestido. Elas são chamadas paramentos, e são mais outro elo com o passado. Têm uma longa história.

O uso de vestes especiais pelo sacerdote no culto de Deus remonta aos tempos do Antigo Testamento, quando os Judeus usavam paramentos divinamente prescritos adequados à dignidade do culto. "Farás uma santa veste para Aarão... na qual, sendo ele consagrado, possa ministrarme" (Êx 28, 2). Paramentos especiais foram usados pelos Sumos Sacerdotes judeus até mesmo no tempo de Cristo, que ia ao templo e tomava parte no culto.

As vestes que o sacerdote católico usa na Missa começaram sendo as vestes ordinárias, de todo dia, dos Romanos e Gregos nos primeiros tempos da Igreja.



O traje comum naqueles tempos era uma túnica comprida folgada, amarrada à cintura com um cinto. Para uso público ou para alguma ocasião especial, era usado um manto comprido. Os sacerdotes e bispos da Igreja primitiva usavam essas vestes quando celebravam a Missa.

Os paramentos

Com o correr do tempo, essas vestes ordinárias começaram ser enfeitadas e remodeladas para comodidade durante a Missa. Mesmo quando os trajes civis mudaram, esses paramentos foram conservados como um lembrete de que a Missa é sempre a mesma que era nos primeiros anos da Igreja. Esses paramentos ainda persistem como vestes sagradas — paramentos especiais de sacrifício — que o sacerdote usa somente durante a Missa.

Algumas dessas vestes não podem ser vistas. Mas as que facilmente ferem a vista são a comprida túnica branca, tocando no solo, que cobre completamente as vestes usuais do sacerdote e é ata-

da em torno da cintura com uma corda. Por cima dela usa êle um amplo paramento exterior que chega até os joelhos. Frequentemente é êle decorado nas costas com uma grande cruz. Este paramento varia de côr. Quando a Missa é oferecida pelos mortos, êle é preto, em sinal de luto. E' branco nos dias em que a Missa é oferecida em espírito de regozijo, como Natal ou Páscoa. E, quando a Missa é oferecida em honra de mártires — daqueles que morreram pela sua Fé — usam-se paramentos vermelhos, para relembrar que êles derramaram o seu sangue por amor de Deus. Os paramentos são roxos nas ocasiões e durante os períodos em que a Missa é oferecida em espírito de penitência. E usualmente são verdes nos domingos comuns do ano, sendo o verde um símbolo da esperança que deveria caracterizar a vida de todos os cristãos que visam à recompensa do Céu.

Os fiéis tomam parte

No seu caminho para o altar, o padre é precedido por um ajudante ou, talvez, por dois ou mais meninos ou jovens. Os trajes civis dêstes estão cobertos por uma túnica vermelha, sobre a qual se acha uma curta veste branca, a veste costumeira dos que ajudam o padre no santuário por ocasião da Missa. Eles ajudam o padre trazendo-lhe as coisas de que êle necessita durante a Missa, mudando de um lado para outro o livro em que êle lê, trazendo-lhe o vinho e a água que êle usa.

Também dão tôdas as respostas em nome do povo.

O padre traz o cálice dourado em que o vinho será derramado, e um prato dourado, com o pão do altar, coberto por um véu que é da mesma côr que os paramentos. O cálice é feito de metal e folheado de ouro ou prata, como o é também o prato que contém o pão a ser usado na Missa. O padre coloca êsses objetos no meio da mesa do altar; abre o livro em preparação para a Missa, e volta para o sopé dos degraus do altar.

Começa então a orar, e as orações que êle diz e as respostas dos ajudantes, ou acólitos, são tôdas em latim, como o são tôdas as orações da Missa. Essas orações são ditas ainda hoje em latim como um elo com o passado, quando a língua comum do povo era o latim. Essa língua não está em uso comum e popular hoje em dia, e portanto nunca muda. E', portanto, uma língua conveniente para uso da Igreja no imutável Sacrifício da Missa. Ademais, é uma língua que não só nos liga ao passado, como também forma um laço de unidade no culto oficial da Igreja no mundo inteiro.

Um guia para a Missa

O não-católico que deseja entender a Missa deveria prover-se de um Missal, no qual tôdas as orações da Missa estão traduzidas para a sua língua. Pode êle, pois, seguir o sacerdote passo a passo durante a Missa, depois de se familiarizar com as

cerimônias que o sacerdote e o povo usam durante a cerimônia religiosa.

Se houver lido o breve relato da Última Ceia conforme descrito nos Evangelhos, um não-católico pode admirar-se daquilo que parece ser um contraste chocante entre a aparente simplicidade da Última Ceia e a aparente complexidade do cerimonial da Missa.

Por certo, em casos de necessidade e de emergência, algumas das cerimônias da Igreja podem ser dispensadas. Em tais casos, a Missa pode ser reduzida ao seu essencial, ou seja, ao oferecimento do pão e do vinho, às palavras que os convertem no corpo e no sangue de Cristo, e à Comunhão. Todavia, nas circunstâncias ordinárias, esses elementos essenciais foram cercados de cerimônias apropriadas inspiradas pelo relato da Última Ceia nos Evangelhos.

As ações de Cristo

Quando lemos o histórico feito por S. João da Última Ceia no seu Evangelho, achamos estarem ali os três essenciais, mas achamos também que o próprio Cristo cercou a parte importante da Última Ceia de uma quantidade de ações significativas. Preparou-se para a ceia por um profundo ato de humildade, quando lavou pessoalmente os pés dos seus Apóstolos. Orou longamente a seu Pai celeste — oração que abrangeu o mundo inteiro. Falou a seus Apóstolos sobre Deus e sobre o próprio destino deles. Assim, os

característicos importantes da Última Ceia foram feitos parte de uma oração esmerada, de um sermão e de um ato de função religiosa e de culto.

No correr dos séculos, a Igreja colocou os essenciais da Missa num engaste que de muitas formas é moldado sobre o quadro em que Cristo colocou os essenciais do sacrifício na Última Ceia. O sacerdote começa a Missa com um ato de humilhação perante Deus, confessando os seus pecados e pedindo perdão. Como Cristo, ele lava as mãos, depois ora, e essas orações são maravilhosamente orações inclusivas que abrangem o mundo inteiro. Como Cristo, ele usa essa ocasião para uma série de instruções, lendo partes do Antigo Testamento, evocando os antigos profetas e mestres judeus. Lendo trechos dos Evangelhos, ele pede à palavra inspirada de Deus falar a nós; lê trechos das Epístolas de Pedro e de Paulo e daqueles outros que estiveram perto de Cristo. Em tudo isto o sacerdote segue o exemplo dado por Cristo.

Culto solene

As cerimônias usadas na Missa têm em mira tornar o culto divino solene e impressionante. Mas essas cerimônias não são meramente para causar efeito. São ações expressivas. Quando um homem se curva profundamente, reflete o respeito e submissão que lhe estão no coração. Quando levanta os olhos e as mãos para o céu, está fazendo uma súplica. E' natural aos homens darem expres-

são exterior aos seus sentimentos interiores, e daí serem as cerimônias da Missa um meio de manifestar os pensamentos e sentimentos interiores da mente e do coração. As cerimônias da Missa são prescritas pela Igreja e formam aquilo que é chamado o ritual da Missa.

Em algumas Missas, as orações são cantadas pelo padre e pelo cântico, em vez de serem recitadas pelo padre e pelo acólito. Essas são chamadas Missas festivas. Quando o padre tem dois outros ministros assistindo-o e há o aditamento das cerimônias por estes efetuadas, isto é conhecido como sendo uma Missa Solene. Com ou sem essas cerimônias aditivas, é sempre o mesmo sacrifício, a mesma Missa.

No correr da Missa o padre será visto usar vários gestos — movimentos das mãos e do corpo. Quando ele faz o Sinal da Cruz, ou bate no peito, ou beija o altar, ou estende as mãos e dobra o joelho em genuflexão — todas estas cerimônias têm um significado.

Quando ele faz o Sinal da Cruz, pode este ser um lembrete da morte de Cristo, ou pode o padre usá-lo como uma bênção quando ele constitui um Sinal da Cruz da qual as bênçãos emanam.

Símbolos antigos

Em várias ocasiões durante a Missa o padre pode bater no peito, e assim também o povo. E' este um antigo sinal de pesar pelo pecado.

Observar-se-á que ele se curva sobre o altar e o beija mui frequentemente. Isto é em respeito ao santo uso do altar e às relíquias dos mártires que estão embutidas na pedra de ara sobre a qual toda Missa é celebrada. Este é também um vínculo com o passado e com os primitivos anos da Igreja, quando a Missa mui comumente era celebrada sobre os túmulos dos mártires nos subterrâneos de sepultura dos cristãos durante os tempos de perseguição. Depois que estes foram livres de construir igrejas e de erigir altares em qualquer parte, como o fazemos hoje, levaram os restos dos mártires para dentro das suas igrejas e depositaram-nos debaixo dos altares destinados à Missa. E assim hoje em dia, sempre que a Missa é oferecida, é sempre sobre uma pedra na qual pequenas porções das relíquias de ao menos dois mártires estão embutidas, como um lembrete de que a Missa hoje é a mesma que era nos tempos primitivos da Igreja.

Durante a maior parte da Missa, o sacerdote conserva as mãos estendidas. Esta é uma atitude de prece que também remonta aos tempos primitivos da Igreja, quando a atitude de oração não era a de mãos postas, e quando os cristãos oravam de pé e com os braços estendidos. Esta é uma atitude de súplica que o padre assume durante as orações da Missa.

Ele dobra o joelho em genuflexão como reverência à cruz que encima o altar, a Jesus Cristo

presente no SS. Sacramento, ou em reverência à menção do nome de Jesus ou da sua paixão e morte.

A bênção de Cristo

Freqüentemente, durante a Missa, o padre volta-se para o povo e diz em palavras latinas: "O Senhor seja convosco". E o acólito responde em nome do povo na mesma língua: "E com teu espírito" — o que é outro modo de dizer: "E convosco também". Essas saudações do padre ao povo chamam a atenção deste para o que se está passando, e convida-o a renovar a sua intenção de juntar-se a ele no oferecimento do Sacrifício. É uma bela saudação, pois significa que o sacerdote lhe deseja o mais alto dos dons, a presença protetora de Deus. E, em cristã cortesia, o povo externa ao sacerdote o mesmo desejo.

Só uma vez o sacerdote muda essa saudação. É quando se vira para o povo e diz-lhe que reze para que o sacrifício dêle e seu seja aceitável a Deus. E o povo, sabendo que a parte mais importante da Missa está para começar, assegura ao sacerdote que rezará por essa intenção — para a glória de Deus e para a salvação de todos.

Durante a primeira parte da Missa, e também no fim, o sacerdote muda-se de um para outro lado do altar. E, a cada vez que o faz, o livro é mudado pelo acólito. Em dias antigos, havia dois púlpitos na igreja, um de cada lado do altar. Um era para

a leitura de um trecho do Antigo Testamento ou da Epístola de um dos Apóstolos.

Os Evangelhos

Isto ainda é feito hoje na Missa e é chamado a "Epístola". No outro lado do altar havia um púlpito para a leitura de um trecho de um dos quatro Evangelhos. A Escritura era lida pelo sacerdote, voltado para o povo no púlpito. Hoje não temos êsses dois púlpitos — usualmente há somente um na igreja, e dêle, às vezes, o sacerdote lê o Evangelho, dá avisos necessários, e prega um sermão. Mas em cada Missa ele lê a Epístola num lado do altar e o Evangelho no outro seguindo assim o antigo costume.

Duas vezes durante a Missa os acólitos vão a uma mesa ao lado do altar e trazem ao padre o vinho e a água que ele usa na Missa, ou água e um vaso em que ele lava as mãos. Na primeira parte da Missa ele recebe do acólito o vinho e um pouquinho de água, o qual juntamente com o pão é oferecido a Deus. Depois lava os dedos em respeito pelos materiais do sacrifício que em breve serão convertidos no corpo e no sangue de Cristo.

Lava-mãos ou «Lavabo»

Há outra razão pela qual o sacerdote lava os dedos nessa ocasião, e ela nos liga ao passado. Em tempos antigos, o povo trazia nessa ocasião as suas oferendas até o altar — não somente pão e vinho para serem usados

no Sacrifício, mas também roupas e carne e legumes destinados ao sustento da Igreja e a serem dados aos pobres. Depois de receber e manusear essas coisas, era necessário ao sacerdote lavar as mãos antes de continuar com a cerimônia da Missa. Nesta parte da Missa é que agora é feita a coleta, porque hoje as ofertas do povo são feitas em dinheiro, e não mais em produtos e coisas materiais.

No fim da Missa, o sacerdote volta-se para o povo e diz-lhe que a Missa está acabada; é a despedida. Depois curva-se pro-

fundamente, e mais uma vez pede a Deus dignar-se de aceitar aquilo que êle e o povo fizeram. E, antes de enviar o povo para as suas tarefas diárias, volve-se e faz sôbre êle o Sinal da Cruz, pedindo a Deus enviar-lhe uma bênção em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

O sacerdote e o povo fizeram uma coisa tremenda tomando parte no sacrifício de Cristo na Missa, e fortalecidos por êsse ato e pela bênção de Deus, devem ir para o meio do mundo a fim de viverem reais vidas cristãs.

O Corpo e o Sangue... todo e inteiro

Várias vezes durante a Missa soa uma sinêta ou campainha. Os que assistem à cerimônia pela primeira vez perguntam-se o que significa isso.

Os toques de sinêta ou campainha são sinais dados pelo acólito para chamar a atenção do povo para uma parte importante da Missa que está para se processar. Imediatamente antes de o padre começar a parte da Missa em que o pão e o vinho são convertidos no corpo e no sangue de Cristo, a sinêta toca três vezes quando o padre, empregando as palavras do profeta Isaías,

diz: "Santo, Santo, Santo o Senhor Deus dos exércitos". Isto informa o povo de que está começando a parte da Missa em que a consagração do pão e do vinho se opera. O povo, que estava sentado, ajoelha-se todo, em reverência. Quando se aproxima o momento de o padre repetir as palavras que Cristo usou na Última Ceia, a sinêta soa uma vez, como aviso adicional para o povo se preparar para a vinda de Cristo ao altar.

Depois de dizer as palavras sôbre o pão, o padre eleva devagar o corpo de Cristo, sob a aparên-

cia de pão, para o povo ver e adorar. Faz a mesma coisa com o cálice em que o sangue de Cristo está agora contido. Genuflete antes e depois de fazer isso, e a cada elevação a sinêta é tocada três vezes. O som da sinêta dá aos presentes a oportunidade de olhar para o SS. Sacramento e adorar realmente Cristo presente neste Sacramento.

Soa a Campanha

A última vez que o acólito toca a sinêta — e novamente por três vezes — é imediatamente antes de o padre participar do corpo e do sangue de Cristo. Em cada Missa, o sacerdote completa o sacrifício pela Comunhão, porque na Última Ceia Cristo se deu aos seus Apóstolos sob as aparências de comida e de bebida, e disse-lhes fazerem do mesmo modo, em lembrança dêle.

A Comunhão do sacerdote é parte do sacrifício e completa o memorial pelo qual é anunciada a morte do Senhor até que êle venha. A sinêta é tocada antes da Comunhão do sacerdote para notificar o povo de que esta parte da Missa está para ter lugar, e de que os que estão preparados para receber a Comunhão devem aproximar-se da mesa da Comunhão, que também é chamada a grade do altar.

Quando o povo se ajoelha à mesa da Comunhão, o sacerdote abençoa-o com o Sinal da Cruz, com uma oração pedindo a Deus prepará-lo para o grande ato que êle vai praticar. Depois levanta diante dêle o corpo de Cristo sob a aparência de pão, usando as

palavras de S. João: "Eis o Cordeiro de Deus". Repete três vezes as palavras do soldado romano em Cafarnaum, que êle também dissera antes da sua própria Comunhão: "Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha casa".

Então o sacerdote desce até o povo e coloca o corpo de Cristo na língua de cada comungante. O povo engole-o devotamente e volta aos seus lugares na igreja. Tal como o sacerdote, êle tomou plena parte no sacrifício, recebendo a Cristo em corpo e sangue, alma e divindade, na forma de alimento como o fizeram os Apóstolos na Última Ceia.

Cristo todo e inteiro

Em conexão com a Comunhão do povo, usualmente surge a pergunta: Por que é que o povo recebe a Cristo sob a forma de pão? E é porque os católicos crêem que, onde Cristo está, aí está todo e inteiro. Quando êle é recebido sob a forma de pão, é recebido todo e inteiro. Sob a forma de pão o fiel recebe a Pessoa divina e seu corpo e seu sangue vivos.

A Ceia do Senhor é completada justamente conforme o Senhor mandou, quando o sacerdote, que usou as palavras usadas por Cristo ao converter o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue, completa-a recebendo Cristo sob ambas as formas.

A Comunhão do povo somente sob a forma de pão não é matéria de doutrina, mas sim de disciplina e de prática. Em várias épocas na história da Igreja

essa prática variou. Mesmo nos dias dos Apóstolos, a recepção da Comunhão é mencionada sob a simples forma de pão (At 2, 42). E Cristo, referindo-se à Eucaristia, disse: "Quem comer deste pão viverá eternamente" (Jo 6, 59).

O atual costume de comungar somente sob a forma de pão data do século quinze, e existe princi-

palmente por causa do perigo de sacrilégio por entornamento do sangue de Cristo... por causa da repugnância de muitos a beber numa taça comum... e por causa da escassez de vinho em muitos lugares, especialmente onde milhares de pessoas recebem a Comunhão todo domingo.

Minúscula Esboço da Missa

Embora a Missa seja uma só ação unificada que constitui um memorial da morte de Cristo na cruz, pode ser dividida em quatro partes. Consistem estas numa preparação e em três importantes ações: o ofertório, a consagração e a Comunhão.



A primeira parte é uma preparação em que nós falamos a Deus para nos prepararmos para o sacrifício, a fim de podermos tomar parte nêle com as retas disposições. Nestas orações, pedimos ser livrados do pecado e de toda indignidade. Confessamos a Deus, aos santos no céu e uns aos outros haver-mos pecado, e pedimos o perdão de Deus.

Um espírito de pesar pelo pecado é a melhor aproximação que um

pecador pode fazer a Deus Todo-Poderoso, e é uma preparação muito apropriada para lhe oferecer o Sacrifício da Missa. As orações para esta primeira parte da Missa são pedidos de misericórdia, e também uma ação de graças a Deus pela sua misericórdia. Há nela também orações pelas nossas

necessidades como cristãos e como criaturas de Deus Todo-Poderoso, orações essas que variam, na Missa, de dia para dia.

Deus fala a nós

Depois, na leitura de um trecho das inspiradas cartas dos Apóstolos e, ocasionalmente, de passagens do Antigo Testamento, e sempre de uma passagem do Evangelho, Deus fala a nós. Nós

E, tendo escutado a mensagem de Deus, fazemos um ato de fé, proclamando a nossa crença pela recitação do Credo. E isto encerra a primeira e preparatória parte da Missa.

A segunda parte começa com o solene ofertório do pão e do vinho que vão ser convertidos no corpo e no sangue de Cristo e que, assim, constituem a Vítima que vai ser oferecida em sacrifício. O pão e o vinho são oferecidos porque vão ser agora convertidos; são oferecidos a Deus com solene cerimônia e orações, pedindo que o nosso sacrifício lhe seja aceitável, e que também nós lhe sejamos aceitos.

Depois o padre vira-se para o povo e convida todos os presentes a orarem com ele. "Orai, irmãos", diz ele, "para que o meu sacrifício e o vosso" (êste sacrifício que vamos nos juntar para oferecer) "seja aceitável a Deus Pai Onipotente".

E depois diz as orações que, em substância, rogam a Deus dignar-se de aceitar, abençoar e santificar os dons que oferecemos, e tornar-nos dignos de tomar parte no sacrifício e de lhe receber os frutos.

O Cânon

A terceira parte é o coração da Missa, na qual o sacrifício é realmente oferecido. E' chamada o "Cânon" ou "regra", porque a ela se deve aderir rigidamente.

Após várias orações preliminares, o sacerdote faz precisa-

cálce, benzendo-os, e depois repetindo as palavras: "Este é meu corpo... Este é meu sangue". Quando o sacerdote repete essas palavras, Cristo cumpre a sua promessa e torna-se presente no altar, oferecendo-se a seu Pai celeste. Sob a aparência de pão e de vinho ele jaz sobre o altar diante de nós e diante de seu eterno Pai, representado como a vítima imolada pelos pecados do mundo.

E assim nós passamos a rogar ao Pai aceitar êsse sacrifício como nosso sacrifício. Oramos também pelos mortos e por nós mesmos, para que possamos ser unidos no Céu com os santos Apóstolos e mártires e outros santos que nos precederam, mediante os merecimentos de Cristo Nosso Senhor, por quem e com quem damos a Deus tôda honra e glória.

Assim é oferecido o Sacrifício da Missa. Porém a Missa não é um sacrifício em que a vítima é somente oferecida a Deus — é também consumida.

A Comunhão

A quarta parte da Missa é a Comunhão. O sacerdote sempre completa o sacrifício consumindo o corpo e o sangue de Cristo sob as espécies de pão e de vinho. Também distribui a sagrada vítima ao povo que está preparado e que nessa ocasião deseja recebê-la. E assim, pelas mãos do seu instrumento humano, o seu sacerdote delegado, que é o dispensador dos mistérios de

Deus, Cristo se dá a nós em forma de alimento.

Alguns podem dizer que, depois que Cristo morreu por nós na cruz, o amor não podia ir mais longe. Mas, na Eucaristia, êle vai mais longe. Deus nos ama tanto, quer tanto dar-se inteiramente a nós, que excogitou êsse meio de se dar sob a forma de pão e de vinho.

As pessoas cépticas pensam às vêzes que isso é indigno do Deus Onipotente e destoante da sua dignidade. Recusam crer seja possível que Deus pudesse dar-se a nós por essa forma. Sem embargo, isso é exatamente o que Deus faz — de acôrdo com a promessa de Cristo. Não pode haver nada destoante ou indigno de Deus num sacrifício efetuado por sua ordem, e dedicado inteiramente à sua honra e glória. Na Sagrada Comunhão, não sômente os dons de Deus são recebidos, mas também o próprio Autor dêsses dons.

A distribuição da Comunhão é acompanhada por orações apropriadas — a Oração Dominical, as orações de preparação para a estreita união com Cristo acarretada pela Comunhão. O sacerdote finda a Missa abençoando o povo e lendo os catorze primeiros versículos do Evangelho de S. João.

O Verbo de Deus

Tendo completado o sacrifício, é lido o relato inspirado de quem é Aquêlê que estêve conosco e por nós ofereceu êsse sacrifício. Êle é o Verbo de Deus, que no princípio estava em Deus e era Deus, pelo qual tôdas as coisas foram

feitas, e que se fez homem e habitou entre nós. Êle habita entre nós agora, cheio de graça e de verdade, oferecendo-se continuamente por nós e habilitando-nos a beneficiar-nos da Redenção operada na Cruz.

Uma vez que tendes apreendido êste esbôço geral da ação da Missa, fácil é participardes dela com inteligente devoção, mesmo sem seguides os detalhes da Missa com um Missal. Durante a parte preliminar, podeis ocupar-vos com atos de pesar pelo pecado e orações para o perdão. Quando o pão e o vinho são oferecidos, podeis oferecer-vos a Deus com o pão e o vinho, rogando-lhe aceitar o sacrifício como vosso e dar-vos, a vós e a todos os outros por quem especialmente desejais orar, todos os favores que vós e êles necessitais.

E, quando as palavras da consagração são proferidas, podeis adorar Nosso Senhor, agora que ali está presente, pensando vós com profunda devoção no mistério que naquele momento se cumpre. Depois podeis continuar com atos de adoração, ação de graças e petição. Mas é altamente desejável que sigais as reais orações da Missa no Missal, pois essas são as orações oficiais da Igreja, e nenhuma outra podem ser tão apropriadas como elas. As reais orações da Missa em língua vernácula são facilmente conseguíveis, trazendo-as geralmente todo Missal, e proporcionam a maneira mais estreita possível de nos unirmos a Cristo e ao sacerdote de Cristo no oferecimento dêsse sacrifício a Deus.

